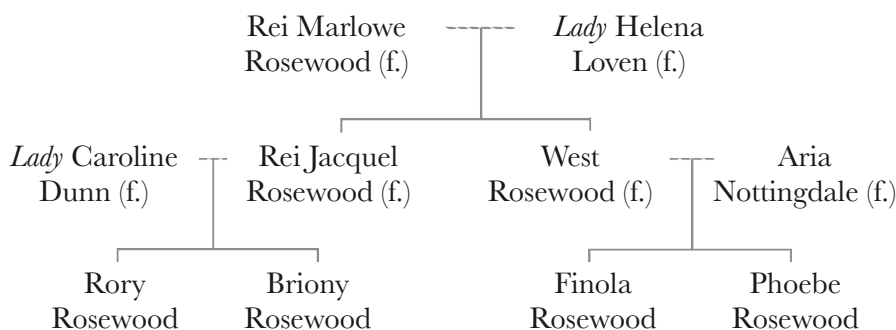


AVISO DE CONTEÚDO

Esta obra tem conteúdo sexual explícito, cenas violentas e sangrentas, e violência sexual do ponto de vista da vítima. É mencionado sexo não consensual, e a compra e venda de seres humanos em cativeiro é um tema central de *Rosa Acorrentada*. Esterilização forçada, morte de personagens secundárias e tortura estão presentes na história. Para uma lista mais detalhada de avisos de conteúdo, por favor consulte www.juliesotowrites.com

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA ROSEWOOD



ASSENTO DE BOMARD OCUPADO POR VERONIKA MALOW

LINHA DE SUCESSÃO AO ASSENTO

- | | |
|----------------------|-----------------------------|
| 1.º — Riann Cohle | sucedido por Del Burkin |
| 2.º — Aron Carvin | sucedido por Lucille Piken |
| 3.º — Genevieve Trow | sucedida por Canning Trow |
| 4.º — Hap Gains | sucedido por Stance Green |
| 5.º — Moira Locklin | sucedida por Rowan Locklin |
| 6.º — Caspar Quill | sucedido por Liam Quill |
| 7.º — Alba Twindle | sucedida por Collin Twindle |
| 8.º — Orion Hearst | sucedido por Toven Hearst |
| 9.º — Florence Kleve | sucedida por Ryden Kleve |
| 10.º — Cal Gidrey | sucedido por Evelyn Gidrey |



PRIMEIRA PARTE

Alguns de nós argumentariam que a fonte da nossa magia é o sangue, o coração, mas eu acho tal explicação demasiado simples. Não a evocamos? Com as nossas mentes? Com as nossas intenções?

Serei enforcado por dizê-lo, sei disso, mas acredito que usar o poder das nossas mentes é como elevamos a nossa magia para lá dos nossos antepassados. Dizer que estamos a usar os nossos corações é demasiado simples.

Pois aqueles entre nós que amaram fizeram-no com o coração, sim. Mas a culpa foi da mente também.

— OS PRIMEIROS ESCRITOS DE VINDECCI, CIRCA 1507
DEPOIS DO REGISTO, TAMBÉM CONHECIDO COMO ANO 8
A.V. (ANTES DE VINDECCI)

CAPÍTULO 1



Briony achou estranho não ter sentido quando o irmão morreu. O estalido da fronteira a evaporar-se agitou as suas costelas, e a rocha raspou sobre os seus dedos enquanto se agarrava ao rebordo e via o que restava do país de Evermore. Mas não sentiu nada na sua alma quando Rory morreu.

Enquanto sua gémea, ela agarrara-se ao fio que os unia muitas vezes, quando ele estava ferido, quando ele precisava de ajuda. Briony tentava agarrar esse fio agora, procurando a veia de magia no seu peito que estava reservada apenas para Rory. Silêncio sombrio era a única resposta. Recordou que também não tivera qualquer premonição quando o seu pai caíra quatro anos antes, e a sua mãe já estava morta quando cortaram Briony de dentro dela.

Mas quando a poeira subiu como uma nuvem numa tarde de verão a menos de um quilómetro de distância, e a calma que se enrolara em volta dela e Cordelia colapsou num caos ribombante, Briony soube que Rory partira.

A fronteira de proteção dele em volta do castelo caíra. Ele estava morto. E, ainda assim, a alma dela não se destroçara.

Briony viu a Lua afastar-se do Sol, o eclipse a terminar assim que começara.

Que estranho, pensou ela, entorpecida.

— Não... — sussurrou Cordelia.

Briony olhou para a sua direita e reparou nas pontas dos dedos quase translúcidas da amiga contra os lábios. O vento atirou o cabelo cor de cobre de Cordelia em volta dos seus olhos, como se tentasse poupá-la de tal visão. Do outro lado de Cordelia, Anna avançou até ao rebordo

da varanda como se num transe, de boca aberta. A luz do sol refletia na rosa púrpura do brasão da sua armadura.

Briony voltou a olhar para a nuvem de poeira e cinzas que subia cada vez mais, até tapar a Lua e o Sol na sua dança. Ela viu o reflexo da Lua na água do lago à sua esquerda.

O último dragão bateu as suas asas e voou para longe da desordem de humanos no campo de batalha, regressando para norte.

— Fiquem aqui — disse Anna, correndo rapidamente para as escadas. Ela virou-se, mudando de ideias. — Não... Deviam ir para dentro. Vão para algum lugar seguro e esperem.

Briony fixou o olhar nela. Cordelia engasgou-se num soluço de choro.

Anna olhou de volta, e Briony viu a mente da sua guarda a rodopiar com planos e estratégias. Era suposto Anna ficar ao seu lado; ela segurara-a em bebé e prometera ao seu pai sacrificar a sua vida pela de Briony.

Antes que pudesse pensar demasiado, Anna saiu disparada pelas escadas.

Briony voltou a virar-se para a nuvem de poeira, perguntando-se se partes do seu irmão estariam lá dentro. O seu irmão, aquele que era suposto acabar com esta guerra. O seu irmão, como fora pressagiado.

Foi então que ela perdeu o ar, como se a ideia da profecia fracassada fosse o estalo de que precisava.

Rory partira. Lágrimas encheram-lhe os olhos numa inspiração horrorizada, ao imaginar como a frente estaria. Mil soldados a perceberem que a esperança que tinham há tanto tempo, o seu Herdeiro A Dobrar, era afinal um mero homem.

Ela deixou cair a sua capa. Não a ajudaria a fugir. Tal como os seus chinelos e o seu vestido de seda, mas não tinha tempo para se mudar.

Tinha um pé nas escadas quando Cordelia lhe agarrou o pulso, puxando-a de volta.

— Onde vais? — O pânico apertava-lhe a voz. — Temos de nos esconder!

Briony pousou a mão no pulso da amiga.

— Se nos escondermos, vamos ser as únicas que restam — disse ela, com a voz firme.

Os olhos azuis de Cordelia arregalaram-se. Assim que o aperto de Cordelia suavizou, Briony virou-se e apressou-se pelas escadas, com os passos leves da amiga a segui-la.

CAPÍTULO 2



SEIS HORAS ANTES

Briony estava sentada à secretária no seu quarto, concentrada no vapor que ondulava da sua chávena como chamas dançantes. Com um movimento distraído dos dedos, imaginou o seu salgueiro preferido na orla do lago e viu o vapor seguir a sua vontade, subindo para formar um tronco e caindo em centenas de ramos delgados a beijar a água.

Às vezes, era mais fácil manipular algo pouco importante quando não conseguia encontrar o feitiço de que precisava para consertar o mundo. O vapor da sua chávena podia criar uma imagem bonita, mesmo que a vista fora do castelo não fosse tão bonita.

Ela agarrou o fio sussurrante de magia entre os olhos. A névoa translúcida do chá quente subia e mostrava o lago, e a mente dela forneceu a silhueta de um rapaz de corpo esguio sentado na base da árvore. Ela acabara de invocar o livro nas mãos dele quando a porta do seu quarto se abriu. Briony assustou-se, e o salgueiro desapareceu. O vapor voltou a ondular normalmente.

Ela virou-se, sentindo-se como se tivesse sido apanhada, e Rory estava na porta.

— Já está na hora? — perguntou ela, verificando o relógio.

— Não, estou só... de visita.

Briony fez uma careta.

— Não faças isso.

— Não faço o quê?

— Não te despeças.

— Está bem, não o faço.

— Ótimo.

Os lábios dele estremeceram. Enquanto gémeos, partilhavam a mesma boca curvada, os mesmos olhos castanhos, o mesmo cabelo castanho-avelã. O nariz dele era mais largo, como o do pai, e o cabelo dela era ondulado, como o da sua mãe, mas as diferenças na aparência deles eram subtis.

Rory prendeu os polegares nas calças que mandara fazer para usar em combate.

— Mas devo avisar-te que o Didion quer despedir-se. É provável que tenha mais para dizer...

Briony resmungou e inclinou o rosto para o teto alto.

— Isto é culpa tua — disse ela. — Se não tivesses pedido a Cordelia em casamento, o Didion nunca teria tido tais ideias.

Rory deixou-se cair na cama dela.

— Na verdade, eu diria que ele teve a ideia quando começaste a fazer passeios depois da meia-noite com ele...

Ela arquejou.

— Quem te contou? Isso foi há um ano, e passear foi tudo o que fizemos!

Rory encarou-a.

— Não arranjavam uma altura melhor do dia para passear?

Briony mordeu o lábio.

— Está bem, se calhar fizemos algo mais...

Rory tapou os ouvidos.

— Para.

— Mas juro que a minha virtude está intacta.

Ele rebolou sobre as costas e fechou bem os olhos.

— Para de falar. Imploro-te.

Rindo-se, Briony atirou-se para o outro lado da cama.

— Há *mais alguém* que deseje despedir-se? Mais algum pretendente de que eu deva saber? — Ela ajeitou as suas saias de verão esvoaçantes em volta das pernas.

Rory sorriu, mas depois a curva da sua boca caiu como cera.

— Não sei. Há mais alguém? — perguntou ele baixinho.

A respiração dela ficou presa no peito.

— O que queres dizer?

Os olhos dele fixaram-se nos dela, procurando.

— Se não é o Didion, então quem tem a tua atenção?

— Ninguém. — A voz dela saiu aguda e apressada. — Estamos em... estamos em *guerra*, Rory, caso não tenhas reparado. Porque é que alguém teria tempo para coisas dessas?

— Bem, alguns de nós arranjam tempo facilmente. De qualquer maneira, depois de hoje, as coisas podem ser diferentes. — Ele levantou o torso, e ela viu os dedos dele remexerem no longo cordão de couro que ele costumava usar debaixo das camisas; o pingente prateado na ponta pertencera à sua mãe.

Rory era sempre tão humilde quando a possibilidade de vitória era mencionada. Como se ele não fosse o vencedor profetizado. Como se não acreditasse completamente nisso.

— Sim. O dia de hoje pode mudar tudo. — Ela estendeu o braço e agarrou-lhe a mão. — Queres rever o plano mais uma vez?

Ele levantou o olhar para ela e acenou. Seria sempre assim com eles, percebeu ela.

No primeiro dia de aulas, quando o pai lhe pedira para tomar conta de Rory, ela não percebera porque tinha de tomar conta do seu irmão gémeo de dezasseis anos. Não devia ser ele e tomar conta dela?

— Ele pode ter dificuldades nas aulas em que tu te distingues — dissera o pai. — Seria bom se os jovens bomardi não vissem o futuro Rei de Evermore a ser superado pela irmã.

Briony continuara sem compreender até aos resultados dos primeiros exames chegarem e o pai começar a pedir-lhe para trocar trabalhos inteiros com Rory. Horas e horas de trabalho dela ao longo dos cinco anos seguintes foram frequentemente atribuídas ao seu irmão, e ela teve de reunir o que conseguia das sobras dele.

Ela nunca perdoou o pai por isso, nem mesmo após a sua morte.

Briony respirou fundo e enrolou os dedos na palma da mão, fazendo aparecer um pequeno frasco cheio de água. Ela ergueu-o para Rory.

— Isto é água do lago. É a mesma água do poço do castelo e do poço da escola eversun. — Briony engoliu em seco, pensando nos milhares de famílias eversun que estavam abrigadas na escola do outro lado do lago até esta guerra terminar. — Quando lançares a proteção, verte isto

nas tuas mãos e larga a última gota na tua língua. O lago, o Castelo de Claremore e a escola vão ficar todos unidos sob um escudo ligado a ti.

Rory tirou-lho da mão, acenando com a cabeça.

— O General Meers não gosta deste plano, já agora.

— Ele não o compreende. Ele não é um Rosewood — disse Briony.

A sua linhagem Rosewood era forte com magia de proteção: escudos, fronteiras e proteções. Era uma das principais razões para estarem predestinados a governar, segundo o pai de Briony e Rory. Ele, o seu avô e todos os homens antes deles eram soberanos celebrados dos tempos de paz. Rory era o primeiro Rosewood a lidar com a guerra em mais de quinhentos anos.

— O general valoriza magia ofensiva. É o trabalho dele — continuou Briony. — Mas é a tua função enquanto rei e membro da família Rosewood proteger o nosso povo.

— O que resta dele — acrescentou Rory, com o cansaço evidente na sua voz.

Ao longo dos últimos quatro anos de guerra, eles tinham sido empurrados cada vez mais para sul, perdendo o seu terreno e o seu povo. Não era terra que Bomard queria realmente. Não eram os prisioneiros capturados ao longo do caminho, embora isso fosse sempre uma vantagem para os bomardi sedentos de poder. Era Rory. Era o fim do Herdeiro A Dobrar.

Briony pousou as mãos nas dele.

— Vai acabar em breve. Hoje vai ser o dia.

— E se não for? — questionou Rory, com as palavras a saírem rapidamente. Os seus olhos suplicavam-lhe.

— Vai ser. — A voz de Briony era mais forte do que ela se sentia. Ela sorriu de forma a assegurá-lo. — O eclipse. Todos sabem que é hoje. *Quando o Sol brilhar à noite, aquele que trará a guerra a um fim...*

Rory arrancou a mão da dela.

— Não me cites a profecia. Esse disparate com seiscentos anos.

Ele levantou-se e dirigiu-se à janela acima da secretária dela. Briony observou-o a inclinar-se para a frente sobre o parapeito, como uma criança com o desejo de brincar lá fora. Ela passou os dedos pelo edredão, pensando na velha profecia que assombrava Rory há quatro anos.

Quando o Sol brilhar à noite, aquele que trará a guerra a um fim será vitorioso. Ele será um herdeiro, a dobrar, e um soberano legítimo sobre o continente.

A profecia tinha mais de meio milénio. Quando não se concretizava no fim da guerra civil de Moreland, que dividiu o continente em Evermore e Bomard, muitos tinham-se esquecido dela. Mas há quatro anos, com a eclosão de um novo conflito, todos começaram a considerar que Rory era o profetizado.

Os olhos de Briony desviaram-se para os papéis e a correspondência na sua secretária: as cartas que recebera como resposta dos países do outro lado do mar, a dizer que não podiam enviar ajuda, mas que dariam calorosamente refúgio aos Rosewood e à sua corte; a página do *Jornal* que atualizava diariamente com as notícias do reino; o discurso de vitória que escrevera para Rory; os mapas com todas as localizações dos abrigos eversun.

Ela aclarou a garganta.

— Tens de matá-la — disse Briony suavemente. — Tem de acabar. Completamente.

Briony nem dissera o nome de Mallow, e, ainda assim, um vento gélido instalou-se no seu peito.

Rory cerrou os lábios.

— Eu sei.

— Vais ter de usar o Para-Corações se mais nada estiver a resultar...

— Eu sei, Briony — disse ele, brusco. Depois fungou. — Desculpa. Eu... eu vou usar. Eu e o General Meers temos praticado em...

Ele deixou a frase por acabar. Briony não queria saber que pequenos animais andavam a desaparecer nos arredores de Claremore.

O Para-Corações fora proibido em Evermore. De toda a magia do coração, o Para-Corações, que esmagava o coração dentro do peito do seu dono, era o que mais exigia de um mágico. Tirar uma primeira vida humana abria o coração do mágico, e cada morte subsequente rasgava mais e mais. Rory tivera de aprender esta magia complexa do nada, pois apenas os Bomardi usavam magia do coração. Tal como apenas os Eversun usavam magia da mente.

Era desta divisão entre os dois países que Veronika Mallow se aproveitava. Bomard fora radicalizado sob o seu domínio, acreditando

que a magia da mente dos Eversun era *controle* da mente, em vez do que simplesmente era: uma fonte diferente de onde ir buscar magia. Também havia diferenças entre as disciplinas. Certos feitiços da mente nunca poderiam ser dominados por um mágico do coração e vice-versa, mas a verdadeira diferença era a fonte do poder. A magia vinda da mente não esgotava o corpo, enquanto a magia do coração exigia mais fisicamente. Os mágicos do coração sempre precisaram de ajudantes animais de forma a manter a sua força para uso de magia prolongado.

Ou pior.

Sob a influência de Mallow, alguns bomardi tinham levado tudo ainda mais longe. Porquê usar um animal quando podiam usar uma pessoa. Outro coração de mágico podia proporcionar-lhes muito mais poder do que o coração de um animal, e criar uma ligação fonte-de-coração asseguraria que o seu próprio coração não era esgotado.

Ouviu-se um guincho do lado de fora da janela, e, num silêncio tenso, ambos observaram o ajudante de Mallow a bater as asas negras contra o céu. O último dragão no mundo conhecido, a criatura cujo nome se perdera no tempo, começara a circular ao amanhecer.

Havia alturas em que Briony não julgava os Bomardi por seguirem Mallow. Também ela talvez tivesse fé na maga capaz de uma ligação com o último dragão. Já para não falar do poder incalculável que Mallow recebera dessa ligação: a força da magia e o acesso a capacidades que um mágico do coração nunca conseguiria adquirir de um animal mais comum, ou até de uma fonte-de-coração. Unida ao dragão, Mallow podia ter o dobro da esperança de vida, tal como o último mago que se uniu com ele. O Lorde do Dragão, como era chamado nos livros de História, vivera mais de 150 anos. E não era apenas uma vida longa que Mallow recebia com a ligação ao dragão. Era bem sabido que, com a magia do dragão, Mallow conseguia ler pensamentos, uma característica conhecida até então apenas entre os mágicos *da mente* com mais experiência.

Eles viram o dragão esvoaçar até desaparecer novamente sobre o oceano.

Briony voltou a concentrar-se enquanto Rory virava costas à janela. Ele olhava-a com a mesma expressão de quando eram mais novos, como se precisasse da resposta para a pergunta de um preceptor.

— Acreditas que a profecia é sobre mim? Mesmo? No teu coração, Briony?

Briony manteve-se imóvel ao responder, sem qualquer falha na voz:

— Sim.

Rory observou-a, procurando hesitação, mas ela não a mostrou.

Ouviu-se uma batida na porta, e Briony saltou.

Rory suspirou.

— Deve ser o Didion.

Os lábios dela curvaram-se numa expressão desagradada.

Rory riu-se.

— Não sejas mazinha com ele! Tu sabes que ele pode morrer hoje.

— Não digas tal coisa.

— É verdade! — Rory apressou-se até à porta e abriu-a. — Não é verdade, Did?

A constituição esgalgada de Didion manteve-se timidamente à entrada.

— O quê? — perguntou ele, olhando para Briony e Rory sob cabelos escuros e despenteados.

— Que podes morrer hoje — respondeu Rory simplesmente.

— Oh. Sim. Muito triste.

Briony revirou os olhos e endireitou-se, sentada no seu colchão de penas.

— Ainda bem que vocês os dois têm uma perspetiva otimista.

Didion sorriu e aclarou a garganta.

Rory juntou as mãos.

— Tenho de encontrar a Cordelia. Não tem mal se eu vos deixar a sós, sem vigilância?

Briony abriu os lábios para protestar, mas Rory já estava a sair pela porta.

— Já estivemos sozinhos várias vezes — comentou Didion com uma risada.

Rory agarrou o caixilho da porta e lançou-se de volta para dentro.

— Se continuas a dizer coisas dessas, é *certo* que morres hoje.

Briony guinchou, e um tom rosado apoderou-se da pele morena de Didion.

— Como se *tu* não estivesses prestes a estar *sem vigilância* também! — gritou ela. Briony agarrou uma das suas almofadas e atirou-a à cabeça

do irmão. Com um movimento do pulso, ele rasgou a almofada ao meio em pleno ar. Penas flutuaram para todo o lado, e Rory fugiu, desaparecendo na nuvem de penugem.

Resmungando, Briony torceu as palmas das mãos em direção ao peito, reunindo as penas e levando-as a flutuar até ao caixote do lixo.

Assim que o quarto estava novamente limpo, ela deu por si sozinha com Didion pela primeira vez num ano. Ele olhou em volta, analisando a secretária e os quadros pendurados nas paredes.

— Isto aqui é confortável para ti? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas fartas para ela.

— Eu gosto. Tenho saudades do Palácio de Biltmore, mas o que se pode fazer? — Ela encolheu os ombros. E sentiu-se muito constrangida de imediato. «O que se pode fazer?», como se tivessem perdido o palácio costeiro num jogo de cara ou coroa em vez de um cerco.

O olhar dele focou-se na chávena, junto aos livros dela. A mesma chávena cujo vapor ela estivera a manipular na memória de outro rapaz apenas dez minutos antes. Ele pairou o indicador acima do líquido e voltou a aumentar a sua temperatura. O vapor subia às voltas enquanto ele lhe estendia a chávena.

— Toma — disse ele com um sorriso tímido.

Briony tentou não se encolher enquanto pegava na chávena e ele se sentava ao seu lado no colchão.

— Há algum tempo que não estávamos completamente a sós — comentou Didion.

Briony acenou com a cabeça. Essa era a ideia dela. Quando o *stress* das reuniões táticas e a tensão entre as paredes do castelo se tornavam demasiado, ela e Didion costumavam dar passeios noturnos pelo cais junto ao Palácio de Biltmore, fugindo aos olhares indiscretos e ouvidos curiosos. Ele ouvia enquanto ela confidenciava as suas frustrações sobre as estratégias do General Meers, e rapidamente os passeios começaram a acabar com beijos suaves, como os que tinham dado na escola. E depois os beijos começaram a acabar com mãos sob os tecidos.

Didion era gentil e paciente. As suas mãos pareciam passar horas a tentar atrapalhadamente encontrar o ponto certo entre as coxas dela, e quando o encontrava, rapidamente o perdia, mas Briony limitava-se

a sorrir quando ele perguntava se lhe soubera bem. Talvez fosse suposto haver mais... prazer. Era a *esperança* que Briony tinha, pelo menos. Talvez quando uma cama estivesse envolvida, as coisas se tornassem mais fáceis, mas ela recusava-se a deixar Didion entrar na sua cama. Enquanto irmã do rei, ela já permitira muitas liberdades a Didion que só um marido deveria ter.

Fora ideia dela parar as coisas entre eles depois da retirada do Palácio de Biltmore, apesar de Didion ser a escolha confortável. Segura. Amável. O pai dela teria ficado feliz ao vê-la casada com Didion Winchester. O irmão também. Briony questionava-se muitas vezes porque é que não *queria* alguém confortável, seguro, amável.

— Eu tinha a esperança de te pedir um favor hoje — disse ele, olhando para as próprias mãos.

Bebericando para empatar, Briony observou os polegares dele a rodarem em torno um do outro.

— Oh?

— Talvez eu pudesse usar o teu broche na batalha de hoje...

Os dedos dela saltaram para o broche prateado.

— É da minha mãe — disse ela rapidamente, ignorando o seu uso do tempo presente. — Nunca o tirei. Não me posso separar dele, lamento.

— Não, pois, claro — gaguejou ele. — Então não exatamente o teu broche. Um cacho do teu cabelo?

— Isso... também é da minha mãe — disse ela constrangidamente. Todos os retratos da sua mãe revelavam uma parecença impressionante a Briony à medida que os anos passavam e ela atingira os vinte e cinco anos; por coincidência, a mesma idade com que a mãe morrera ao dar à luz Briony e Rory. — Eu não... — Briony aclarou a garganta. — É necessário? Não posso simplesmente desejar-te boa sorte? A ti e ao meu irmão?

Ele acenou com a cabeça, corando suavemente.

— Não tem mal. Eu só esperara que... Bem, se eu pudesse saber que tinha alguém para quem voltar...

— Voltar? — Ela riu. — Vais estar a pouco mais de um quilómetro daqui...

— Estou a tentar pedir formalmente, e estás a torná-lo muito difícil.
— Ele passou a mão pelo cabelo escuro.

— Não há nada a pedir — declarou ela com firmeza. — Até isto acabar, não sabemos se vamos precisar de ser úteis de outra forma.

Ele olhou para ela de forma intensa.

— Estás a falar de esponsais para o tratado de paz? O Rory não te faria isso.

— Ele não terá escolha! Ele não pensa em nada além de táticas de batalha há quatro anos, mas depois de hoje, vai precisar de começar a pensar como o Rei de Evermore. — Ela pousou a chávena, lembrando-se do rapaz no vapor. — Já houve bastantes casamentos entre Bomard e Evermore para manter o tratado.

— Não pareças tão entusiasmada — murmurou Didion.

A cabeça dela disparou na direção dele.

— O quê?

Ele suspirou e levantou-se da cama.

— Briony, por favor, diz-me só que vais ficar contente se eu sobreviver ao dia de hoje. É tudo o que peço.

— Claro que vou ficar contente se sobreviveres ao dia de hoje...

— Ótimo. Obrigado — disse ele. E antes que ela conseguisse formar outra frase, ele já saíra do quarto, fechando a porta atrás de si com um estalido suave.

Ela resmungou e voltou a cair na cama. Não estava a ser propositalmente evasiva. À exceção de duas primas, ela era a única mulher que sobrava na linhagem Rosewood que podia ser oferecida como sacrifício humano para um casamento político. Era provável que Rory nem conseguisse manter esse pensamento na cabeça, mas um casamento político ajudaria imenso a restaurar a confiança quando a guerra acabasse. Havia muitas famílias na linha de sucessão dos Bomardi cujos membros não eram loucos sanguinários em busca de vingança. Um casamento entre ela e um jovem bomardi nessa linha não teria de ser uma vida de tortura.

Havia alguns com quem ela andara na escola que desprezavam os Eversun, mas não eram tão aparentemente cruéis. Finn Raquin, com a sua pele escura e os seus olhos ainda mais escuros, era meio eversun; os seus

pais tinham sido um desses tais casamentos de conveniência. O patriarca Raquin era o décimo quarto na linha para o cargo de poder mais elevado em Bomard: o Assento. Finn era um patife, mas não era malvado.

Por outro lado, o mal tinha um rosto em Canning Trow. Com olhos afastados e pele macilenta, Canning era algo terrível de ver, com uma alma igualmente lúgubre. Toda a gente sabia que se devia manter afastada dele nos corredores sombrios da escola. A única razão para ele andar como se fosse dono daquilo tudo é porque ele realmente o era. A sua mãe era a terceira na linha para o Assento, e a família do seu pai era dona de toda a montanha onde o recinto da escola bomardi se encontrava.

Havia vários rapazes que eram cruéis apenas quanto lhes era conveniente, como Lorne Vult e Liam Quill, embora o rumor fosse que Liam Quill, cujo pai era o sexto na linha de sucessão, estava mais interessado em Lorne e Finn do que em continuar a linhagem da sua família.

E depois havia alguém que era bem mais difícil de decifrar. Gélido a maior parte dos dias, só para derreter nos momentos mais peculiares. Com mãos fortes e olhos opacos, uma boca perversa e uma língua de prata. Inspirava tanto medo e incerteza no peito dela como inspirava desejo.

Briony abanou a cabeça para se livrar destes pensamentos. Era inútil remoer tais coisas.

Ela olhou para a sua chávena. Estava fria uma vez mais. O vapor desaparecera num suspiro.



Algumas horas mais tarde, Briony encontrava-se no pátio do castelo, vendo o seu irmão despedir-se da sua melhor amiga com um beijo. Cordelia envolveu os ombros de Rory com os braços, de uma forma muito mais afetuosa do que o que era considerado apropriado, mas não havia muita gente que se preocupasse com o decoro nestes tempos sombrios.

— Nojento — soltou uma voz à esquerda dela.

Briony sorriu para a sua prima Finola. Ela estava a calçar as luvas e a franzir o sobrolho de forma brincalhona perante a ostentação de afeto de Rory e Cordelia.

Briony soltou uma risada.

— Vais estar assim um dia, sabes?!

— Não se o puder evitar — retorquiu Finola, piscando-lhe o olho. Ela atirou a sua trança loira como o mel para trás do ombro. — Vejo-te quando isto acabar, sim?

Briony acenou com a cabeça. Finola apressou-se até ao canto do pátio, o único local no castelo onde se podia sair através de um portal. Briony ansiava por saber para onde Finola partia, mas não lhe era dado acesso a esse tipo de informação, para grande desilusão dela.

À sua direita, o General Billium Meers falava suavemente com Anna Wevin, a guarda pessoal de Briony. Anna era, na verdade, a única mulher além de Finola a quem Briony vira o General Meers prestar algum respeito. Certamente não o prestava a Briony, quando ela costumava estar presente nas reuniões de estratégia, que pareciam sempre acabar em discussão. O general dava prioridade à agressão nos seus ataques, ao ponto de correr riscos desnecessários, e Briony relembrava sempre Rory da defesa, dos escudos e da proteção do seu povo. A certa altura nos últimos dois anos, o General Meers convencera Rory de que, por precaução e eficiência, as reuniões de estratégia militar deveriam envolver apenas conselheiros essenciais, e então Briony foi mantida de fora. Agora, Rory punha-a ao corrente em privado. Ele podia tê-la nomeado conselheira, mas não o fez, e ela não iria sugerir tal coisa.

Anna cumprimentou o general e posicionou-se três passos atrás de Briony, como fizera toda a sua vida. O General Meers deu um aceno superficial a Briony, ao qual ela respondeu com um olhar furioso.

Contudo, o filho do general não podia ser mais o oposto do pai.

Sammy Meers, com o seu cabelo castanho-avermelhado, pele rosada e alegres olhos azuis, posicionou-se em frente a Briony. Ele quase varreu o chão com a sua profunda vénia e agarrou a mão dela antes que ela conseguisse afastá-la.

— Menina Briony Rosewood — exclamou —, apesar de me ofereceres o teu amor hoje, não o posso aceitar.

Briony arrancou a mão da dele.

— *Para* com isso! — bufou ela, com as bochechas a corarem ao reparar em Didion a revirar os olhos perante a teatralidade de Sammy.

— Sei que queres que te peça em casamento assim que regressar — continuou Sammy, gritando para todo o pátio —, mas o meu coração pertence a outra.

Sammy olhou enamorado por cima do ombro de Briony, para Anna, que era vinte anos mais velha, e fez uma vénia profunda.

— Por favor, afasta-te da princesa — exigiu Anna secamente.

— Como aprecio estas nossas brincadeiras apaixonadas — disse Sammy, pestanejando de forma exagerada. Piscou o olho a Briony e seguiu para se juntar à fila de soldados do lado de fora dos portões. Ele ergueu a bandeira de Evermore, com a rosa púrpura, o brasão da família dela, a dominar o fundo branco.

Briony olhou para o pátio, observando os rostos calmos e as conversas descontraídas. Havia um zumbido no ar, a sensação de que este era o dia profetizado, e que os longos quatro anos de guerra depois da morte do seu pai, o Rei Jacquel, terminariam em breve. O domínio de Rory estender-se-ia a ambos os reinos quando ele se provasse o herdeiro mencionado na profecia.

Briony tentou sentir a mesma tranquilidade, tentou relaxar da mesma forma. A Lua aproximava-se do Sol, como profetizado. O grito de um dragão perfurou o céu. E toda a gente continuou a conversar, a abraçar-se e a beber um último brinde.

Quando chegou a hora das tropas saírem, Rory aproximou-se dela para lhe dar um abraço.

— Não — disse ela. — Não há necessidade.

Ele baixou os braços e franziu-lhe o sobrolho.

— Briony.

— Vejo-te daqui a umas horas — declarou ela com firmeza. — Qualquer outra coisa que digamos um ao outro é desnecessária.

Ele encostou a testa à dela.

— Até já, Biney.

— Vou ter um banquete pronto para nós, Sarilhos.

Ele piscou o olho ao ouvir a sua alcunha de infância e virou-se para o seu cavalo, pronto a levar os seus homens para fora do pátio.

Didion voltou-se para trás, olhando-a antes de o seguir.

Anna aproximou-se, ficando ao lado de Briony.

— Não podias dar mesmo nada ao pobre Didion, não é?

Cordelia fungou de riso.

Briony soltou um resmungo.

— Tal como eu disse, não há necessidade — disse ela, cruzando os braços. — Eles estarão de volta ao anoitecer.

Os portões do castelo fecharam-se atrás dos soldados, e Briony virou-se para as levar à varanda, onde iriam observar e esperar.

O mundo escureceu por um momento enquanto algo bloqueava o sol. Briony voltou-se para ver se o eclipse começara.

Um dragão preto batia as suas asas acima do castelo, incapaz de lhes tocar por causa da fronteira de proteção de Rory.

A criatura soltou um grito penetrante, e Briony sentiu-o no seu âmago.